

O Brasil, o Etanol e a Sustentabilidade

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

*“O sertão virará praia e a praia virará sertão”
Antonio Conselheiro, Imperador do Sertão.*

O Brasil das capitanias hereditárias mudou! Os ranços do passado, no entanto, encontram terreno fértil e se mantêm vivos, enraizados no coração dos que consideram isso na linha de “problemas resolvidos que não saem da minha mente” (frase copiada do Oscar Figueiredo Filho). O Brasil diversificou e evoluiu, a tal ponto que a importante cultura da cana-de-açúcar ocupa $\frac{1}{4}$ da área de soja ou $\frac{1}{3}$ da área de milho. O Brasil não é o país da faixa litorânea ou o da dependência do pau-brasil, café, cana-de-açúcar ou ouro. Não é o país da intolerância, da rigidez conservadora ou da religião radical: é o país das oportunidades do século XXI; é a esperança dos que vivem nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento como base da maior revolução jamais vista no campo da energia: agricultura eclética, tropical, gerando alimentos, fibras, energia e químicos, todos produzidos em larga escala, de forma renovável e sustentável.

Vamos aprofundar um pouco isso. O mundo vive uma velocidade jamais imaginada, globalizando mentes e acelerando informações abertas, com custos cada vez menores; vive uma era de evoluções tecnológicas impensáveis, com transformações além das normais capacidades de projeção. Os Toflers de hoje são atropelados pelos Gates e outros atuais, figuras que representam as alucinações de Júlio Verne (século XIX) transformadas em realidades. Nesse novo mundo de mudanças aceleradas onde a Igreja luta para manter conceitos-base, onde os anteriores socialistas se dividem hoje em ambientalistas e sócio-democratas das mais variadas posições, faltam informações e sobram preconceitos. Prova dessa transição para algo que não se tem idéia do que pode vir a ser, é a tentativa de ressuscitar o economista britânico Malthus (1766-1834) e a sua sepultada lógica de que a agricultura não poderia atender o crescimento populacional que se veria.....

Entre neo-Malthusianos sinceros e oportunistas diretos, espalham-se desinformações que certamente prejudicam a velocidade de determinadas

ações fundamentais para a humanidade, pelo impacto que criam nos anteriormente citados terrenos férteis e vivos..... Exemplos disso estão em todo canto do planeta, nas mais variadas línguas e nas mais diversas ideologias: no México há a “grita das tortillas” (preço alto do milho); em Cuba e na Venezuela torrenciais frases de Fidel e Chavez contra a energia que substitui alimentos; na Europa, fala-se que a cana-de-açúcar irá acabar com a Amazônia; na Indonésia, a palma acabará com florestas; e por aí vai.....

Enquanto isso, os zelosos pelos combustíveis fósseis agradecem penhoradamente esse movimento a seu favor, mesmo que eventualmente muitos não percebam que estão fazendo isso! Essa “ode ao absurdo” merece cuidadosa atenção.

A cana-de-açúcar é uma privilegiada cultura energético-alimentar-química, com características especiais.

O controle biológico das pragas; as medidas de conservação de solo e a capacidade de enraizamento e perfilhamento da cana reduzindo a erosão do solo; a sua capacidade elevada em seqüestrar carbono; o fantástico resultado da cana-de-açúcar (9 vezes) em termos da produção final de energia sobre a consumida na forma de fósseis; as sinergias de produção de outras culturas na mesma área de produção; as sinergias com a produção de biodiesel; o menor uso de produtos químicos em relação às outras agriculturas; a elevada geração de empregos com menores investimentos por emprego; e muitos outros aspectos! Quando se olha para frente, sem o único olhar do retrovisor e sem premissas preconceituosas ou engajadas, o futuro da energia e da química verde reside no potencial extraordinário do mundo tropical, onde o sol encontra um verde ansioso por crescer, em dias longos e quentes, onde somente mudanças climáticas radicais poderão fazer a humanidade perder esse ativo divino. Mas corre-se o risco de isso acontecer – a Amazônia vira cerrado; o cerrado vira sertão.....

Essa a essência do erro estratégico de muitos que se preocupam com pequenos defeitos enquanto os enormes vão desfilando sua grotesca ação sob aplausos: a transição de uma matriz energética suja para outra, limpa, requer ter clareza do que está ocorrendo; querer mudar o estado das coisas; ter noção do senso de urgência; ter vontade política de fazer (“quem sabe faz a hora e não espera acontecer”).

Daí a importância da recente reunião mundial da ONU – IPCC, onde um relatório esclarece e dá a noção dos riscos da humanidade, nas costas das próximas gerações. Nesse relatório e nas discussões havidas, o exemplo brasileiro transparece nos atuais 41% de energia renovável em sua matriz de consumo, contra os 14% no Planeta como um todo.

Não se trata de uma transformação de todo um potencial energético global nas costas da agricultura – óbvio que não é isso! Trata-se de ampliar as alternativas de baixo impacto ao meio ambiente no mundo como um todo. Claramente haverá a convivência entre as energias fósseis (passo a passo sendo reduzidas) e as renováveis (sendo ampliadas). Enquanto algumas nações expandirão (com a consciência dos riscos) a energia nuclear face seu menor impacto no aquecimento global, outras desenvolverão tecnologias que reduzirão as emissões do uso do carbono mineral, petróleo e do gás natural.

O homem e a sua capacidade criativa a favor do próprio homem – isso significa criar tecnologias voltadas ao menor uso de energia, a custos menores dos renováveis, as tecnologias que, enfim, reduzam a agressão ao meio ambiente. Significa, também, políticas públicas que derrubem barreiras ao comércio da agro-energia, condição “gine quo non” para a requerida velocidade de implantação.

Sempre será complexa a interação entre as atividades industriais e o meio ambiente, também complexos os interesses econômicos e sociais de empresas e sociedade. Como se sabe, os impactos no uso dos recursos materiais, no meio ambiente; na sustentabilidade da agricultura; nos impactos das ações comerciais e nos impactos sócio-econômicos (empregos e renda), são a essência do que define a viabilidade ou não das ações escolhidas para energia.

O século XXI é o da consciência ambiental transformando as relações do homem e seu habitat: que seja lógica, segura, conseqüente e criadora de melhores condições de vida.

O que precisa acontecer é que os investimentos em etanol não sejam de especulação..... somente com correções de rumos regulatórios os especuladores agirão como investidores de longo prazo.